

# VELHOS TEMPLOS DE VITÓRIA

## IGREJA DO ROSÁRIO (I)

AL 11.493

ELMO ELTON

A devoção de Nossa Senhora do Rosário, no Espírito Santo, data dos primórdios de sua colonização, com a ereção do templo consagrado à santa, na vila do Espírito Santo, atual Vila Velha, devendo-se sua construção ao jesuíta Afonso Brás, ali chegado em 1551.

Sabe-se que, em Vitória, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, cuja data de fundação se desconhece, já existia em 1765, tanto que, nesse ano, a mesma levantou capela na encosta denominada Pernambuco, mediante provisão do bispado da Bahia, de 14 de setembro do referido ano.

A construção da capela teve início a 23 de julho, quando o capitão Felipe Gonçalves dos Santos, sua filha Bernardina de Oliveira e seu genro o alferes Inácio Fernandes Rebelo resolveram doar "de hoje para todo o sempre à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, desta vila, duzentos e vinte palmos em quadro, para neles fazer a mesma Irmandade uma igreja à dita Senhora, sua sacristia e o mais que necessário, com a condição, porém, que o Juiz, irmãos e mordomos que presentes são como outros que lhes sucederem no ano vindouro serão obrigados a dar princípio à obra da dita igreja dentro de dois anos e meio, contanto que seja logo principiada de pedra e cal".

De posse de tal doação, a mesa diretora da Irmandade, auxiliada por bom número de escravos, pôs mãos à obra, de modo que, em menos de dois anos, já a igreja estava concluída, "de pedra e cal", como vista até hoje.

As festas de Nossa Senhora do Rosário é certo que despertavam grande interesse em Vitória, assim como em outras localidades das demais capitânicas, mas acontece que, aos escravos da Irmandade, não só bastava a veneração mariana, visto que queriam, também, prestar culto a São Benedito, que lhes era da mesma cor negra e cuja devoção, no Espírito Santo, já datava de 1595, embora se saiba que a canonização do mesmo ocorrera muitos anos depois, isto é, a 20 de maio de 1807, no pontificado de Pio VII.

Na igreja e convento de São Francisco, em Vitória, venerava-se a imagem do

taumaturgo, ali existindo a Irmandade de São Benedito, cuja data de criação se confundia com a do Convento, a ela pertencendo, como **irmãos**, os próprios escravos que haviam construído o monastério, tendo frei Basílio Rower, em suas **Páginas de história franciscana do Brasil**, assim descrito a igreja conventual:

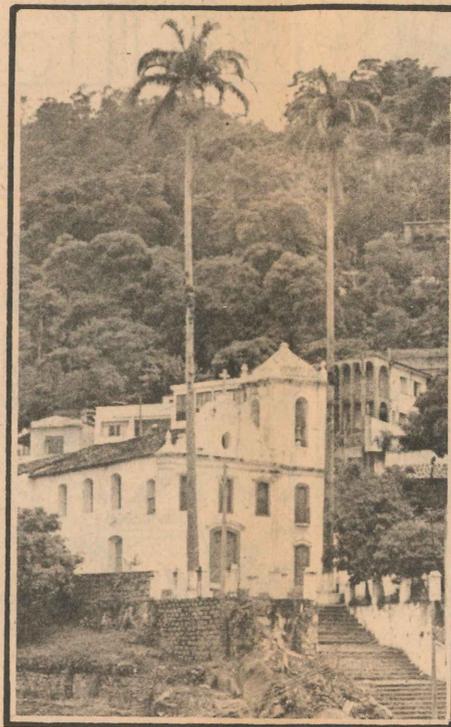
"Dentro da igreja, de muito limitado espaço, havia três altares, ornados de talha, e quem a mandou fazer foi o venerável frei Cosme de São Damião, que o Convento teve a felicidade de ter por guardião por mais ou menos três anos, isto é, de 1617 a 20. No altar mór achava-se a imagem do padroeiro e, em nichos laterais, as de Santo Antônio e de São Benedito. O altar do lado da Epístola era da Conceição e o da parte do Evangelho de São Boaventura".

Em 1832 ocupava o guardião do Convento de São Francisco frei Manuel de Santa Úrsula, que ali se encontrava desde ano antes, sendo que, no dia 26 de dezembro daquele ano, deveria realizar-se, como de costume, a procissão de São Benedito, mas porque fosse o dia chuvoso o frade não permitiu saísse o préstito à rua, o que aborreceu os componentes da Irmandade, já que esses acreditavam piamente, saindo a procissão, logo a chuva cessaria.

O impasse criado entre o frade-guardião e os **irmãos** narrou-o, já, inúmeros historiadores, todos esclarecendo que, no dia seguinte, após a missa dominical, a Irmandade se reuniu para melhor discutir o assunto, visto que o frade havia ido à casa dos pais, na localidade vizinha de Santo Antônio, onde veio a ser avisado, pelo escravo Bento, sobre o que estava acontecendo no Convento. Frei Manuel de Santa Úrsula, de imediato, retornou ao centro da cidade, e, após séria discussão com os devotos descontentes, acabou atirando no adro do convento todos os livros e demais pertences da Irmandade.

O resto teria acontecido tal relata um dos estudiosos do assunto:

"Sabedor, posteriormente, de que havia um plano arquitetado para retirar do São Francisco e levar ao Rosário a imagem de São Benedito, frei Manuel baixou-a do altar, escondendo-a numa saleta. Pouco depois, é substituído, no guardião, pelo ilustrado orador sacro Frei Antônio de São Joaquim. Este sacerdote, idoso e surdo, recolocou a imagem no seu antigo local.



23 de setembro de 1833. Domingo, sete e meia da manhã. A igreja está deserta para a missa conventual da Ordem Terceira de São Francisco. Os sinos já haviam repicado a primeira vez. Sinhás, senhores, escravos e negros forros prepararam-se às festas. Os guardas constantes da imagem de São Benedito — o escravo José Barbeiro e o cozinheiro Bento — retiraram-se a serviço. Em sua cela, alma elevada a Deus, frei Antônio de São Joaquim ora... Três vultos surgem do Porto dos Padres. São eles Domingos do Rosário, o africano liberto Antônio Motta e o crioulo Elias de Abreu. Seguem pela rua da Lapa, sobem a ladeira dos Frades, e, encostados às paredes da Ordem Terceira, vão à igreja. Num instante São Benedito desce do altar, às costas de Antônio Motta, caminha ladeira abaixo. Na rua da Capelinha, hoje cel. Monjardim, esperavam-lhe outros companheiros. Todos percorrem os Pelame (praça principal e lugares circunvizinhos) e chegam, triunfan-

tes, ao largo da Conceição, atual Praça Costa Pereira.

Os sinos do Rosário dobram às festas. Repicam. Repicam. E, a seus sons agudos e repetidos, à sua voz metálica e alegre, juntam-se os estouros dos foguetes. A procissão — porque agora é verdadeira procissão — atravessa a ponte do Reguinho (canal d'água na rua Sete) e leva a imagem ao Rosário, onde ela ficaria, daí para adiante, com sentinelas aos pés".

Ora, tal roubo provocou muitas rivalidades entre os devotos de São Benedito, os do Convento e os do Rosário, estes ufanos por terem agora a imagem do santo negro, sendo que, ali, as festas beneditinas passaram a ter deslumbramento jamais alcançado por outras da cidade, quer de caráter religioso ou profano.

A Irmandade do Convento de São Francisco, inconformada, encomendou uma nova imagem de São Benedito, esculpida carinhosa e artisticamente por Francisco das Chagas Coelho, colocando-a no mesmo altar da primitiva. E, a partir de então, eis que seus festejos suplantam aos do próprio Rosário.

Afirma Daemon que os irmãos que se achavam no Rosário, especialmente o tenente Manoel Francisco de Cristo, José Joaquim de Souza Ribeiro e o Juiz de Paz, ofendidos com tais exhibições de riqueza, apelidaram assim os irmãos da Irmandade de São Francisco de **rusguentos** pelas provocações que faziam, e como na Corte havia partido Caramuru que se caracterizava justamente pelas constantes disputas e rusgas políticas, os apelidaram também de **caramurus**.

Os irmãos do Convento, desconhecendo o verdadeiro sentido de tal apelido, acharam que assim eram chamados por causa de seus manteletes verdes, "cor mais comum dos caramurus, peixe valente, viscoso, feio e mau, que sempre pica o pescador incauto e desprevenido, e passaram a chamar os adversários de peroás, "espécie iníqua e desprezível de peixe, que, quando era posta na "pedra", lugar onde se vende o peixe, não encontrava comprador e era novamente atirada ao mar, e também porque esse peixe tem umas listazinhas azuis como os manteletes dos irmãos do Rosário". (Continua)

# VELHOS TEMPLOS DE VITÓRIA

## IGREJA DO ROSÁRIO (I)

AL 11.493

ELMO ELTON

A devoção de Nossa Senhora do Rosário, no Espírito Santo, data dos primórdios de sua colonização, com a ereção do templo consagrado à santa, na vila do Espírito Santo, atual Vila Velha, devendo-se sua construção ao jesuíta Afonso Brás, ali chegado em 1551.

Sabe-se que, em Vitória, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, cuja data de fundação se desconhece, já existia em 1765, tanto que, nesse ano, a mesma levantou capela na encosta denominada Pernambuco, mediante provisão do bispado da Bahia, de 14 de setembro do referido ano.

A construção da capela teve início a 23 de julho, quando o capitão Felipe Gonçalves dos Santos, sua filha Bernardina de Oliveira e seu genro o alferes Inácio Fernandes Rebelo resolveram doar “de hoje para todo o sempre à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, desta vila, duzentos e vinte palmos em quadro, para neles fazer a mesma Irmandade uma igreja à dita Senhora, sua sacristia e o mais que necessário, com a condição, porém, que o Juiz, irmãos e mordomos que presentes são como outros que lhes sucederem no ano vindouro serão obrigados a dar princípio à obra da dita igreja dentro de dois anos e meio, contanto que seja logo principiada de pedra e cal”.

De posse de tal doação, a mesa diretora da Irmandade, auxiliada por bom número de escravos, pôs mãos à obra, de modo que, em menos de dois anos, já a igreja estava concluída, “de pedra e cal”, como vista até hoje.

As festas de Nossa Senhora do Rosário é certo que despertavam grande interesse em Vitória, assim como em outras localidades das demais capitânicas, mas acontece que, aos escravos da Irmandade, não só bastava a veneração mariana, visto que queriam, também, prestar culto a São Benedito, que lhes era da mesma cor negra e cuja devoção, no Espírito Santo, já datava de 1595, embora se saiba que a canonização do mesmo ocorrera muitos anos depois, isto é, a 20 de maio de 1807, no pontificado de Pio VII.

Na igreja e convento de São Francisco, em Vitória, venerava-se a imagem do

taumaturgo, ali existindo a Irmandade de São Benedito, cuja data de criação se confundia com a do Convento, a ela pertencendo, como **irmãos**, os próprios escravos que haviam construído o monastério, tendo frei Basílio Rower, em suas **Páginas de história franciscana do Brasil**, assim descrito a igreja conventual:

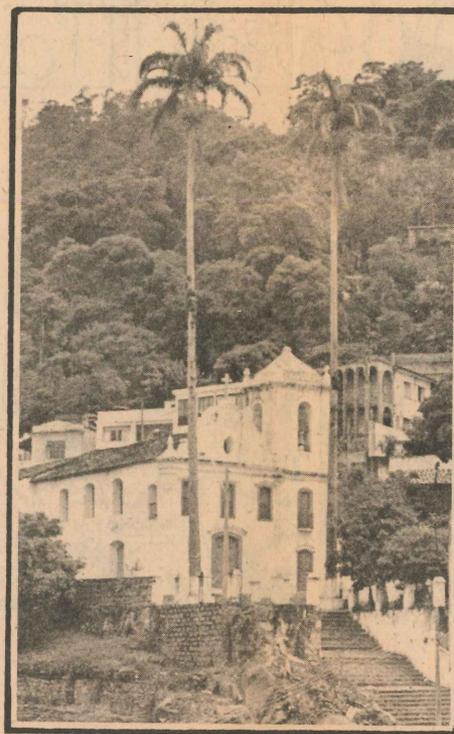
“Dentro da igreja, de muito limitado espaço, havia três altares, ornados de talha, e quem a mandou fazer foi o venerável frei Cosme de São Damião, que o Convento teve a felicidade de ter por guardião por mais ou menos três anos, isto é, de 1617 a 20. No altar mór achava-se a imagem do padroeiro e, em nichos laterais, as de Santo Antônio e de São Benedito. O altar do lado da Epístola era da Conceição e o da parte do Evangelho de São Boaventura”.

Em 1832 ocupava o guardião do Convento de São Francisco frei Manuel de Santa Ursula, que ali se encontrava desde ano antes, sendo que, no dia 26 de dezembro daquele ano, deveria realizar-se, como de costume, a procissão de São Benedito, mas porque fosse o dia chuvoso o frade não permitiu saísse o préstito à rua, o que aborreceu os componentes da Irmandade, já que esses acreditavam piamente, saindo a procissão, logo a chuva cessaria.

O impasse criado entre o frade-guardião e os **irmãos** narrou-o, já, inúmeros historiadores, todos esclarecendo que, no dia seguinte, após a missa dominical, a Irmandade se reuniu para melhor discutir o assunto, visto que o frade havia ido à casa dos pais, na localidade vizinha de Santo Antônio, onde veio a ser avisado, pelo escravo Bento, sobre o que estava acontecendo no Convento. Frei Manuel de Santa Ursula, de imediato, retornou ao centro da cidade, e, após séria discussão com os devotos descontentes, acabou atirando no adro do convento todos os livros e demais pertences da Irmandade.

O resto teria acontecido tal relata um dos estudiosos do assunto:

“Sabedor, posteriormente, de que havia um plano arquitetado para retirar do São Francisco e levar ao Rosário a imagem de São Benedito, frei Manuel baixou-a do altar, escondendo-a numa saleta. Pouco depois, é substituído, no guardiãoato, pelo ilustrado orador sacro Frei Antônio de São Joaquim. Este sacerdote, idoso e surdo, recolocou a imagem no seu antigo local.



23 de setembro de 1833. Domingo, sete e meia da manhã. A igreja está deserta para a missa conventual da Ordem Terceira de São Francisco. Os sinos já haviam repicado a primeira vez. Sinhás, senhores, escravos e negros forros prepararam-se às festas. Os guardas constantes da imagem de São Benedito — o escravo José Barbeiro e o cozinheiro Bento — retiram-se a serviço. Em sua cela, alma elevada a Deus, frei Antônio de São Joaquim ora... Três vultos surgem do Porto dos Padres. São eles Domingos do Rosário, o africano liberto Antônio Motta e o crioulo Elias de Abreu. Seguem pela rua da Lapa, sobem a ladeira dos Frades, e, encostados às paredes da Ordem Terceira, vão à igreja. Num instante São Benedito desce do altar, às costas de Antônio Motta, caminha ladeira abaixo. Na rua da Capelinha, hoje cel. Monjardim, esperavam-lhe outros companheiros. Todos percorrem os Pelame (praça principal e lugares circunvizinhos) e chegam, triunfan-

tes, ao largo da Conceição, atual Praça Costa Pereira.

Os sinos do Rosário dobram às festas. Repicam. Repinicam. E, a seus sons agudos e repetidos, à sua voz metálica e alegre, juntam-se os estouros dos foguetes. A procissão — porque agora é verdadeira procissão — atravessa a ponte do Regimento (canal d'água na rua Sete) e leva a imagem ao Rosário, onde ela ficaria, daí para adiante, com sentinelas aos pés”.

Ora, tal roubo provocou muitas rivalidades entre os devotos de São Benedito, os do Convento e os do Rosário, estes ufanos por terem agora a imagem do santo negro, sendo que, ali, as festas beneditinas passaram a ter deslumbramento jamais alcançado por outras da cidade, quer de caráter religioso ou profano.

A Irmandade do Convento de São Francisco, inconformada, encomendou uma nova imagem de São Benedito, esculpida carinhosa e artisticamente por Francisco das Chagas Coelho, colocando-a no mesmo altar da primitiva. E, a partir de então, eis que seus festejos suplantam aos do próprio Rosário.

Afirma Daemon que os irmãos que se achavam no Rosário, especialmente o tenente Manoel Francisco de Cristo, José Joaquim de Souza Ribeiro e o Juiz de Paz, ofendidos com tais exhibições de riqueza, apelidaram assim os irmãos da Irmandade de São Francisco de **rusguentos** pelas provocações que faziam, e como na Corte havia o partido Caramuru que se caracterizava justamente pelas constantes disputas e rusgas políticas, os apelidaram também de **caramurus**.

Os irmãos do Convento, desconhecendo o verdadeiro sentido de tal apelido, acharam que assim eram chamados por causa de seus manteletes verdes, “cor mais comum dos caramurus, peixe valente, viscoso, feio e mau, que sempre pica o pescador incauto e desprevenido, e passaram a chamar os adversários de peroás, “espécie ínfima e desprezível de peixe, que, quando era posta na “pedra”, lugar onde se vende o peixe, não encontrava comprador e era novamente atirada ao mar, e também porque esse peixe tem umas listazinhas azuis como os manteletes dos irmãos do Rosário”. (Continua)